

# JONAS



*Aprendendo a graça de Deus*



# 1

## MENSAGEIRO DA GRAÇA

*Jonas 1.1-3*



*Veio a palavra do SENHOR a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do SENHOR, para Társsis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társsis; pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele, para ir com eles para Társsis, para longe da presença do SENHOR (Jn 1.1-3).*

Uma coisa é conhecer a doutrina da salvação por meio da graça, e outra bem diferente é conhecer a graça da doutrina da salvação. Esta é a lição de Jonas, o profeta que conhecia a graça de Deus, mas foi desafiado por Deus a abraçá-la. Sinclair Ferguson resumiu a história de Jonas com estas palavras: “É, na verdade, um livro sobre [...] como um homem veio a descobrir, por meio de experiências dolorosas, o caráter verdadeiro de Deus, ao qual ele havia servido já em anos anteriores de sua vida. Ele precisava experimentar a doutrina sobre Deus (que lhe era familiar havia muito tempo) tornando-se realidade em sua experiência”.<sup>1</sup>

Quando as pessoas pensam em Jonas, a maioria se lembra apenas do famoso peixe que o engoliu. A primeira pergunta delas é: Isso realmente aconteceu? Ou: Que tipo de peixe era esse? Mas para o livro essas pergun-

---

<sup>1</sup> Sinclair B. Ferguson. *Man Overboard! The Story of Jonah*. Edimburgo: Banner of Truth, 2008, p. xi.

tas são secundárias. O que é muito mais importante é que Jonas nos confronta com questões tão relevantes como a graça de Deus para os ímpios, a soberania de Deus sobre seus servos e a intensa luta humana com o perdão e arrependimento. Ferguson resume: “O livro de Jonas não trata tanto desse grande peixe que aparece no meio do livro [...], [antes] pretende ensinar a Jonas que ele tem um Deus gracioso”.<sup>2</sup>

### ***A profecia de Jonas***

Quando nos aproximamos de um livro de profecia, costumamos pensar em previsões do futuro ou pronunciamentos divinos para o povo de Deus. Mas o livro de Jonas relata basicamente a história da vida do próprio profeta. Os paralelos mais próximos são os relatos de Elias e Eliseu em 1 e 2 Reis. Na verdade, visto que Jonas inicia seu ministério pouco tempo após Elias e Eliseu, é provável que ele tenha sido um de seus sucessores imediatos, e ele pode até ter sido um discípulo pessoal do segundo.

A Bíblia não revela o nome do autor do livro de Jonas, mas Jonas pode muito bem ter escrito sobre sua própria experiência. Alguns estudiosos argumentam que a língua hebraica encontrada nesse livro é típica de um período posterior da história, talvez do tempo do exílio dos judeus na Babilônia. Mas esse argumento não é conclusivo, já que o dialeto nortista de Jonas poderia explicar as diferenças na linguagem e no estilo. Ou seja, não existe razão convincente para duvidar de que esse livro da Escritura date do tempo que ele descreve, ou seja, do século 5º a.C.

Pode ser útil saber algumas coisas sobre o mundo em que Jonas vivia. De acordo com 2 Reis 14.25, Jonas serviu como profeta no tempo do rei Jeroboão II, um dos muitos reis ímpios do reino do norte de Israel. Já haviam se passado mais ou menos 150 anos desde a morte do rei Salomão, e fazia muito tempo que a nação estava dividida. Dez das 12 tribos de Israel haviam se unido nesse reino do norte, apenas Judá e Benjamim permaneciam fiéis ao trono davídico em Jerusalém e adoravam no templo construído por Salomão.

O reino do norte tinha muitos problemas, começando pela idolatria constante e rebelião contra o Senhor. Essa era a questão principal com a qual os profetas lidavam. No entanto, existiam também problemas políticos e militares, pois logo ao norte desse reino ficava o Império Assírio, a superpotência da época. Uma preocupação constante de Israel era preservar sua independência e seu poder contra essa ameaça.

---

<sup>2</sup> Sinclair B. Ferguson. “What Jonah Learned”, em: *The Doctrines of Grace, 2006 Philadelphia Conference on Reformed Theology*. Filadélfia: Alliance of Confessing Evangelicals, 2006, gravação de áudio.

Os profetas do reino do norte se dedicavam a duas tarefas principais. A primeira era chamar os reis e a nação para o arrependimento. Encontramos homens como Elias desafiando os sacerdotes de Baal e confrontando o rei com sua idolatria. Mas os profetas eram também mensageiros da graça. Repetidas vezes, Deus demonstrou sua misericórdia a seu povo desviado, frequentemente por meio do ministério desses profetas.

É nesse contexto que Jonas é mencionado em 2Reis. Durante algum tempo, a Assíria se encontrava dividida e sofria de fome, de forma que as antigas fronteiras de Israel puderam ser restauradas. Isso aconteceu pela mão de Deus, como demonstração de sua graça a Israel, para renovar sua esperança e incentivar seu arrependimento. O próprio Jonas havia proclamado as boas-novas:

Restabeleceu ele [o rei] os limites de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da Planície, segundo a palavra do SENHOR, Deus de Israel, a qual falara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta, o qual era de Gate-Hefer. Porque viu o SENHOR que a aflição de Israel era mui amarga, porque não havia nem escravo, nem livre, nem quem socorresse a Israel. Ainda não falara o SENHOR em apagar o nome de Israel de debaixo do céu; porém os livrou por intermédio de Jeroboão, filho de Jeoás (2Rs 14.25-27).

Isso mostra que Jonas se encontrava numa posição extraordinária para ver a graça e a misericórdia de Deus. Israel não merecia o favor de Deus; na verdade, sua perversão merecia a ira de Deus. No entanto, Deus foi misericordioso. Ele estendeu sua mão para reunir seu povo desviado. Aqui, Jonas ocupava uma cadeira na primeira fila. Mas, como documenta este livro, Jonas ainda tinha muito a aprender sobre a graça de Deus, assim como nós.

### ***A preocupação redentora de Deus com o mundo***

O conflito de Jonas com a graça de Deus se manifesta desde o início do livro. A causa foi um chamado inesperado de Deus que chocou e repugnou o profeta. “Dispõe-te”, disse o Senhor, “vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim” (Jn 1.2). Esse é o tipo de ordem que um profeta precisa estar preparado a receber: um chamado para confrontar os ímpios com seus pecados. O que, então, deixou Jonas tão aborrecido? Foi simplesmente isto: seu conhecimento da graça de Deus. Jonas havia aprendido o que a maioria das pessoas não sabe, ou seja, que, quando Deus nos chama para lidar com nossos pecados, seu propósito é demonstrar sua misericórdia e assim salvar. Conhecendo a graça de Deus,

Jonas suspeitou desde o início do propósito de Deus em relação à odiada cidade de Nínive.

Isso nos lembra de que Deus está ciente de tudo que acontece no mundo. A maioria das pessoas acredita que, se elas ignorarem Deus, Deus também as ignorará. Gostam de imaginar Deus – se é que pensam nele – como o relojoeiro cego que dá corda aos relógios e depois os entrega a si mesmos. Mas como diz Frank Page: “Esse texto retrata Deus como alguém que observa, como um Deus ativo e que leva o pecado a sério”.<sup>3</sup> Nínive era uma cidade que, aparentemente, tinha pouco conhecimento sobre o Deus verdadeiro e que estava completamente entregue ao mal. No entanto, isso não significa que Deus não conhecia Nínive ou que ele já havia entregado a cidade ao Juízo Final. O mesmo vale hoje: as pessoas podem negar Deus, mas Deus não as nega, não ignora seu pecado e não deixa de estender sua misericórdia para a salvação delas.

Essa é uma verdade que muitos membros do povo de Deus têm achado difícil de aceitar. Eles se alegram quando Deus estende sua misericórdia a eles – mas não aos outros! Era essa a postura dos israelitas antigos, que se gabavam de ser o povo eleito de Deus. Os israelitas possuíam a palavra dos profetas e a aliança da graça de Deus. Mas se esqueceram de que as possuíam não exclusivamente para si mesmos, mas como legado para o mundo inteiro. O salmista cantou: “Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o rosto; para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação” (Sl 67.1-2). Na verdade, o chamado de Israel para abençoar as nações remete à sua origem, à promessa de Deus ao patriarca Abraão: “de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!” (Gn 12.2).

Nesse sentido, Jonas é uma figura que representa todo Israel. Ele ficou ressentido com a ideia de que o Deus de Israel pretendia enviar a graça de Israel aos não israelitas – especialmente aos cidadãos tão odiados de Nínive. O nome Nínive dominava seus pensamentos da mesma forma que Babilônia mais tarde preencheria de medo os corações judeus. Nínive era a capital militar da Assíria, um lugar de maldade e violência desenfreadas. Os melhores paralelos contemporâneos seriam as organizações terroristas mais violentas ou cartéis do narcotráfico, que atacam suas vítimas com prazer sangüinário. Uma visita ao British Museum, em Londres, que possui uma coleção fantástica de artefatos assírios, revela que os próprios assírios se

---

<sup>3</sup> Billy K. Smith e Frank S. Page. *Amos, Obadiah, Jonah, New American Commentary* 19B. Nashville: Broadman & Holman, 1995, p. 226.

retratavam como opressores sadistas e genocidas. Os israelitas do norte como Jonas – acredita-se que sua cidade natal de Gate-Hefer se situava no extremo norte da região – eram os que mais sofriam com as depredações assírias. Assim, Jonas era como os cristãos de hoje que desejam a graça de Deus para si mesmos e o julgamento de Deus contra os ímpios, especialmente contra aqueles que os machucaram. Como é fácil pedirmos a bênção de Deus para nós mesmos, enquanto oramos que ele amaldiçoe o colega que manchou nossa reputação, o ladrão que arrombou nossa casa ou o membro da família que nunca nos agraciou com uma palavra de carinho. Jonas não queria que Nínive fosse abençoada por causa daquilo que Nínive havia feito e poderia voltar a fazer. Seu conflito com a graça de Deus nasceu, pelo menos em parte, de repulsão, ódio e medo.

Mas o ressentimento de Jonas não se voltava apenas contra os inimigos da sua nação. Ele parece ter desprezado também a graça de Deus para todos os pecadores indignos. No fim do livro, Jonas explica por que ele rejeitou o chamado de Deus para pregar em Nínive: “... pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal” (Jn 4.2). Jonas pode ter aprendido isso de Êxodo 34.6, onde o Senhor se revela como “Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade”. Essa verdade foi confirmada pela interação de Jonas com o rei ímpio de Israel. A despeito dos pecados grosseiros de Jeroboão contra Deus – muitos dos quais haviam causado aflição entre os fiéis –, Deus havia estendido sua misericórdia a ele. A essa altura, Jonas já não aguentava mais a misericórdia perdoadora de Deus para os ímpios.

Deus havia estendido sua graça a Jeroboão e aos israelitas idólatras, e Jonas havia transmitido essa boa notícia. Mas não era uma boa notícia para ele. Ele compreendia por que Deus demonstraria seu favor a pessoas como ele – ele não era fiel? –, mas ficou ressentido com a graça de Deus com ímpios. Essa justiça própria perdura ainda hoje, e ela explica por que muitos cristãos falham na proclamação das boas-novas da salvação em Jesus Cristo às pessoas que eles consideram indignas. Se Jonas já se sentia assim em relação aos israelitas idólatras, maior devia ser seu desdém pelos cidadãos idólatras de Nínive. Quando nos olhamos no espelho, seria bom refletir sobre como, igual a Jonas, nutrimos uma falta de misericórdia em relação àqueles que pecaram contra nós.

### *Uma avaliação espiritual*

Deveríamos refletir sobre os erros revelados pela postura insatisfeita de Jonas. Poderíamos começar percebendo que o ressentimento em relação à